

The background of the cover features several yellow silhouettes of children and a teacher. In the center, a teacher with pigtails is jumping rope. To the left, a child is holding a long stick. To the right, two children are holding hands. In the top right corner, two children are sitting and reading a book. The entire scene is set against a light yellow background with a faint grid pattern.

# Cadernos da Rede

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**PERCURSOS DE APRENDIZAGENS:  
JOGAR E BRINCAR**

**A REDE EM REDE: A FORMAÇÃO CONTINUADA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

# EDITORIAL

Chegamos ao sexto fascículo da série Cadernos da Rede – Formação de Professores. O intuito dessa coleção é compartilhar as reflexões dos professores participantes dos cursos Percursos de Aprendizagens na Educação infantil, desenvolvido nas diferentes linguagens. Nesta edição, daremos destaque especial aos jogos e brincadeiras.

Os artigos deste fascículo foram produzidos em sua maioria pelos formadores especialistas Fernando Brandão e Joseane Bonfim, que coordenam grupos de formação de professores. Na seção **O Assunto é**, o artigo jogar e brincar: Diferentes olhares sobre o mesmo assunto, convida o leitor a refletir sobre a importância do brincar na educação infantil.

Na seção **O Trabalho Pedagógico**, apresentamos cinco artigos. O primeiro, produzido por Fernando Brandão, apresenta uma experiência com crianças de 4 anos que aprendem a jogar dominó. O relato da professora os ajuda a compreender como as crianças se relacionam com os desafios de jogar. Em seguida, Joseane Bonfim reflete sobre a importância de conversar com as crianças sobre suas vivências nos jogos e brincadeiras. A partir da experiência de uma professora, ela mostra que muitas vezes a possível falta de interesse das crianças nada mais é do que a necessidade de conversar sobre o assunto. O terceiro e o quarto artigo, foram produzidos a partir dos relatos de professoras de nossa rede, mostram como a brincadeira de faz de

conta não é tão espontânea assim e como é importante garantir que as crianças possam conhecer diversos assuntos para alimentar suas brincadeiras. O quinto e último artigo produzido pela Joseane Bonfim, nos convida a refletir sobre a necessidade de planejar brincadeiras para os bebês.

Na seção **De Olho na Prática**, você encontrará sugestões para planejar seu trabalho na Unidade e um relato de formação por uma coordenadora pedagógica da Rede: Isaneide Domingues. E em **Para Fazer Mais**, não perca a oportunidade de checar a lista de jogos clássicos que toda Unidade pode ter. E, por fim, para despedir-se dessa edição, aproveite a beleza daquele que sabe como ninguém brincar com as palavras: Fernando Pessoa. Usufrua a leitura do poema As Bolhas de Sabão, de Alberto Caeiro, seu heterônimo mais conhecido.

Boa Leitura!



Prefeito de São Paulo  
**Gilberto Kassab**

Secretário Municipal de Educação  
**Alexandre Alves Schneider**

Secretária Adjunta de Educação  
**Célia Regina Guidon Falótico**

Diretora de Orientação Técnica  
**Regina Célia Lico Suzuki**

# APRESENTAÇÃO

A Secretaria Municipal de Educação tem trabalhado para consolidar uma educação infantil de qualidade nessa que é uma das maiores redes de ensino do país. Diariamente nossos profissionais – professores, coordenadores pedagógicos, gestores e equipes de apoio - atendem cerca de 430 mil crianças, distribuídas em nossas 13 DRE. Oferecem o melhor em termos de uma rotina estável, de experiências culturais relevantes, de convivência ética e saudável. Os resultados podem ser observados nas práticas, nos avanços que ano a ano as unidades educacionais vêm apontando.

Toda essa mudança não se faz sem o trabalho coletivo. Por esse motivo, desde 2005 todos os profissionais dessa rede estão envolvidos em um programa de formação que visa melhorar a qualidade da educação por meio da atualização profissional e da discussão de propostas inovadoras. O programa de Orientações Curriculares e a publicação do documento com as Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil em 2007 foi apenas o início de um processo de reflexões e mudanças nas unidades educacionais.

Agora, é chegada a hora de ver o que nossa própria rede está produzindo a partir dessas Orientações Curriculares, nos diferentes espaços de formação profissional, nos grupos de professores, de coordenadores pedagógicos e de diretores. Em continuidade à produção de publicações voltadas para a Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, tenho o prazer de apresentar mais um fascículo da coleção Cadernos da Rede – Formação de Professores. Nesse material é possível encontrar subsídios para alimentar as discussões nas EMEI e nos CEI rumo à consolidação de novos paradigmas para a educação infantil. A tônica dessas publicações é a voz de nossa própria Rede. Nas próximas páginas veremos em destaque a experiência de nossos próprios profissionais que já constroem diariamente alternativas criativas para acolher as crianças e suas famílias e para enfrentar os desafios que o mundo contemporâneo nos impõe.

A exemplo dos demais materiais produzidos pela Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, esperamos, mais uma vez, o seu comprometimento para fazê-lo circular pela Rede, torná-lo vivo a fim de que possam inspirar novas práticas educativas.

Desse modo, trabalhando em rede, vamos mantendo o diálogo aberto avançando e muito rumo à excelência na Educação Infantil paulistana.

Alexandre Alves Schneider  
Secretário Municipal de Educação



# CARTA AO PROFESSOR

Caros professores,

É com muito prazer que apresentamos o quinto fascículo da coleção Cadernos da Rede – Formação de Professores. Temos investido muito na formação de nossa Rede de educação infantil e, aos poucos, vemos o resultado aparecer.

Nosso intuito é responder ao interesse dos professores que solicitaram cursos diversificados nas diferentes linguagens. Ao mesmo tempo, queremos transversalizar uma discussão sobre metodologia de trabalho com enfoque no planejamento do professor porque entendemos que é nesse ponto que um professor pode fazer a diferença para seu grupo de crianças, na capacidade que ele tem de antecipar questões, de resolver problemas didáticos, de assegurar as melhores condições de aprendizagem para todos.

Para tanto, é fundamental priorizar uma reflexão sobre a organização da programação didática da Unidade, o que significa considerar diferentes possibilidades de organização do tempo e das vivências das crianças na educação infantil em atividades permanentes, sequências de atividades, projetos e as atividades pontuais.

Este fascículo tem como meta discutir as experiências com o jogar e brincar das crianças na educação infantil e apresentar novas possibilidades de explorar a linguagem com seus grupos de crianças nas Unidades. Mostraremos como a criança, através do jogo, pode construir importantes conhecimentos sobre os objetos e suas qualidades, noções de espaço, tempo e casualidade.

É claro que tudo isso só foi possível graças à participação da nossa Rede, através das professoras que participaram do curso, desenvolveram as propostas de trabalho pessoal e trouxeram suas experiências para compartilhar em grupo. Dedicamos todo nosso trabalho nessa edição a elas: Ana Paula M. C. Nascimento do CEI São Carlos, DRE São Miguel; Camila da Silva Marcolino da EMEI Globo do Sol, DRE São Miguel Paulista; Elaine Cristina Xavier da Gloria Santana

da EMEI Professora Cecília Sant'Anna de Souza, DRE Itaquera; Fany Cristina Wirthmann da EMEI Miroel Silveira, DRE Itaquera; Fernanda Cardoso Goulart, CEI CEU Butantã, DRE Butantã; Letícia A. Stefanini, CEI Professora Yvone Lemos de A. Fraga, DRE Butantã; Sisleide Batista dos Anjos Carvalho do CEI Parque Grajaú, DRE Capela do Socorro; Michele Alves Nascimento da EMEI CEU Vila Curuça, DRE São Miguel; Valdelice de Oliveira Moraes do CEI Jd Silva Telles, DRE São Miguel e a coordenadora pedagógica Isaneide Domingues da EMEI CEU Vila Curuça, DRE São Miguel.

Esperamos que essas experiências sejam inspiradoras para vocês professoras de nossa Rede e que possam contribuir para a continuidade do exercício reflexivo e criativo de suas práticas educativas.

Abraços

DOT Educação Infantil



Foto: Fany Cristina Wirthmann da EMEI Miroel Silveira, DRE Itaquera



<b>O assunto é ...</b> .....	<b>8</b>
<b>Jogar e Brincar: Diferentes olhares sobre o mesmo assunto</b> .....	<b>8</b>
<b>Trabalho Pedagógico</b> .....	<b>11</b>
<b>Jogo de dominó, quanto se pode aprender jogando</b> .....	<b>11</b>
<b>Conversar sobre a brincadeira uma experiência de sucesso</b> .....	<b>17</b>
<b>Conhecer e brincar, quando as brincadeiras ficam mais interessantes para as crianças</b> .....	<b>22</b>
<b>Jogar e brincar na Vila curuça, relato de uma experiência na EMEI</b> ..	<b>27</b>
<b>É preciso planejar brincadeiras com bebês?</b> .....	<b>34</b>

# SUMÁRIO

<b>De olho na prática</b> .....	<b>37</b>
Organizando jogos e brincadeiras .....	<b>37</b>
Brincar na nossa escola .....	<b>39</b>
<b>Para fazer mais</b> .....	<b>42</b>
Repertório de jogos .....	<b>42</b>
<b>Para saber mais</b> .....	<b>45</b>
Referências Bibliográficas .....	<b>45</b>
<b>Palavra Final</b> .....	<b>49</b>
As Bolhas de Sabão .....	<b>49</b>

## JOGAR E BRINCAR

### DIFERENTES OLHARES SOBRE O MESMO ASSUNTO

*Fernando Brandão<sup>1</sup>*

E Até hoje há quem pense que devemos ensinar jogos às crianças porque elas gostam e podem se divertir. Mas, não é tão simples assim. O jogo é muito importante para o desenvolvimento infantil e por isso, deve ser encarado para além da competição e da diversão. Diferentes autores trataram dessa questão. Piaget, por exemplo, entende que através do jogo, a criança, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório, pode construir importantes conhecimentos sobre os objetos e suas qualidades, construir noções de espaço, tempo e casualidade. Isso se pode ver desde cedo, claramente nos jogos de encaixe e de empilhamento, por exemplo. Nesse sentido é que **para Piaget** a criança aprende brincando.

Essa concepção é vista de um modo um pouco diferente por Vygotsky. Para ele, o jogo não é aproveitado pela criança em sua zona de desenvolvimento real, mas sim, proximal. Funciona como modelo de situações que podem ser vividas imaginariamente. Isso fica muito claro, por exemplo, no jogo de faz de conta. Diz ele:

No desenvolvimento a imitação e aprendizagem desempenham um papel de primeira importância. Põem em evidência as qualidades especificamente humanas do cérebro e conduzem a criança a atingir novos níveis de desenvolvimento. No conceito de zona de desenvolvimento proximal, isto é, a criança imita e convive com situações que ainda não compreende, nem domina inteiramente, mas que provoca ou propicia seu desenvolvimento. Assim a criança fará sozinha amanhã, aquilo que hoje depende dos outros. Por conseguinte, o único tipo correto de pedagogia é aquele que segue em avanço relativamente ao desenvolvimento e o guia; deve ter por objetivo não as funções maduras, mas as funções em vias de maturação. ( Vygotsky,1999)

Vygotsky também defende o papel da brincadeira no desenvolvimento da criança. Para ele, brincar não se trata apenas de uma atividade frívola que se faz por prazer. Ao contrário, a brincadeira coloca

---

<sup>1</sup> Formador do curso: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - Jogar e Brincar do Programa A Rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil.

desafios cognitivos dos mais importantes e pode ser entendida como espaços de construção da sua subjetividade e de conhecimentos sobre o mundo. Assim nos lembra Queiroz et all (1998):

Vygotsky (1998), um dos representantes mais importantes da psicologia histórico-cultural, partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito; rompendo com a visão tradicional de que ela é atividade natural de satisfação de instintos infantis, o autor apresenta o brincar como uma atividade em que, tanto os significados social e historicamente produzidos são construídos, quanto novos podem ali emergir. A brincadeira e o jogo de faz-de-conta seriam considerados como espaços de construção de conhecimentos pelas crianças, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica.”<sup>2</sup>

Na brincadeira as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes tais como a atenção, a memória e a imaginação. As crianças amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização de regras e papéis sociais. Segundo Dulce V. H. Machado, *"O brincar pode ser visto, portanto, como a base sobre a qual se desenvolvem o espírito construtivo, a imaginação, a faculdade de sistematizar e abstrair; a capacidade de interagir socialmente, abrindo caminho para o desenvolvimento do trabalho, da ciência e da arte."*

Brincadeiras, além de contribuírem para o desenvolvimento e a expressão corporal, representam antigos costumes, cultos e rituais, traços marcantes da antiguidade, que mostram um pouco daquilo que se foi. Você sabia, por exemplo, que grande parte das brincadeiras que hoje conhecemos, passaram de geração em geração, e possuem origens distintas pelo mundo afora, fazendo parte da cultura do nosso povo? Os índios que viviam no Brasil antes da chegada dos portugueses em 1500 utilizavam uma trouxa de folhas com pedras que eram amarradas numa espiga de milho, eles gostavam de brincar de jogar essa trouxa de um lado para outro e chamavam de Pe'teka, que em tupi significa bater. A amarelinha que é de origem francesa, chegou ao Brasil trazida pelos portugueses e logo tornou-se popular. Ela tem diversos nomes pelo Brasil: na Bahia é



<sup>2</sup> Machado, Dulce V. H. *O Brincar e a evolução social da criança. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 março 1983. Caderno Mulher, p.11.*

chamada de macaco ou macaca (semelhante a Portugal), no Rio Grande do Sul é sapata, no Rio Grande do Norte é avião, em Minas Gerais chama-se maré e no Rio de Janeiro é conhecida como academia.

As crianças sempre são portadoras e transmissoras, pela tradição oral, desses jogos que persistem nas sociedades urbanas apesar da força da cultura de massa, pois são fontes de vivência e desenvolvimento expressivo. Tais são os motivos pelos quais valorizamos tanto esses momentos na rotina das unidades educacionais da Educação infantil.

Não falta brincadeira para as crianças... na dúvida, é só relembrar nossa infância que vai aparecer muita lembrança boa misturada com muita saudade.

Sugestões de brincadeiras no parque, no pátio, na sala ou em outro lugar em que se possa brincar: pula corda, bola, amarelinha, mãe da rua, esconde-esconde, estátua, peteca, pião, pipa, perna de pau, barra manteiga, pega-pega, pula cela, pé de lata, futebol, bola ao cesto, bolinha de gude, dominó, jogo da velha, 5 Marias, vivo ou morto, corre cutia, balança caixão, queimada, cabra cega, duro ou mole, cabo de guerra, está pronto, seu lobo?, seu mestre mandou, dança das cadeiras, carrinho de mão, passar a bola, dentro e fora, toca do coelho, mímica, telefone sem fio, escravos de Jó, passa anel, brincadeiras cantadas e muitas outras. Pesquise o repertório de brincadeiras de sua comunidade, e aproveite!

Nas próximas páginas você, leitor, vai encontrar algumas reflexões que muito nos auxiliam a avançar na qualidade da brincadeira que queremos que as crianças vivenciem em sua passagem pela educação infantil.



Foto: Proª Letícia A. Stefanini / CEI Proª Yone Lemos de A. Fraga / DRE Butantã

# JOGO DE DOMINÓ

## QUANTO SE PODE APRENDER JOGANDO

*Fernando Brandão<sup>3</sup>*

Existem diversos tipos de jogos desde os de sorte e azar até os mais rebuscados como o xadrez. Nesses, por exemplo, as crianças aceitam as regras livremente e entram no jogo porque vivenciam aquela situação imaginária representada pelo tabuleiro como um campo de batalha em que peões, reis e rainhas se movem procurando ganhar posições.

Construir e propor jogos foi um dos desafios do curso que foi oferecido a várias DRE da cidade. Foi um desafio importante para as professoras compreenderem como se ensina um grupo de crianças pequenas a jogar. No relato a seguir, a Professora Fany Cristina Wirthmann do Infantil I da EMEI Miroel Silveira, DRE Itaquera, conta como as crianças de 4 anos aprendem a jogar, jogando:

“Comecei distribuindo jogos de montar para a sala e escolhi 4 crianças para jogar dominó, era um dominó de figura de super heróis. Nenhuma delas tinha jogado dominó antes, então comecei explicando as regras, todos prestaram atenção e começamos a jogar. Uma criança precisou mais do meu auxílio, os outros conseguiram jogar com facilidade. Deixei que jogassem duas rodadas, tive que fazer muitas intervenções e acredito que terá que ser assim durante algum tempo, até que se apropriem das regras. Percebi que o mais complicado para eles é considerar somente as imagens que estão nas pontas, pois eles querem por as pedras em qualquer lugar que tenha imagem igual a que eles têm na mão. Levei o jogo para o parque e falei que quem quisesse podia jogar dominó e ninguém mais quis ir brincar, queriam todos jogar dominó. Esse grupo também jogou muito bem. Eles gostaram muito...enquanto uns estavam jogando, os outros ficavam em volta olhando. Repeti os procedimentos durante vários dias na sala até que todo o grupo tivesse aprendido a jogar. Depois que todos já haviam passado pela experiência de jogar dominó, escrevemos juntos as regras do jogo: eu fui a escriba. Deixamos as regras dentro da caixinha do dominó e expliquei a eles que se alguma criança quisesse jogar e não soubesse, poderia ler aquelas regras ou pedir para alguém ler, assim eles

<sup>3</sup> O Formador Fernando Brandão produziu o texto a partir da experiência do curso: *Percurso de Aprendizagens na Educação Infantil - Jogar e Brincar na DRE Butantã e DRE Itaquera em 2010.*

já vão se apropriando da função social da escrita. Agora o dominó faz parte de nossas atividades diárias. Quando é hora de cada um escolher do que quer brincar, tem uma mesa que fica com o dominó e esse espaço até hoje é bem disputado por todos.”



Foto: Fany Cristina Wirthmann da EMEI Miroel Silveira, DRE Itaquera



O trabalho da professora Fany é um exemplo da importância de se propor o jogo continuamente, possibilitando sua presença no dia a dia das crianças. Não basta o professor apresentar o jogo uma única vez e achar que as crianças não aprenderam ou não entenderam as regras. Ao contrário, é preciso que ele ofereça e brinque junto algumas vezes, até ter a certeza de que elas se apropriaram das regras do jogo.

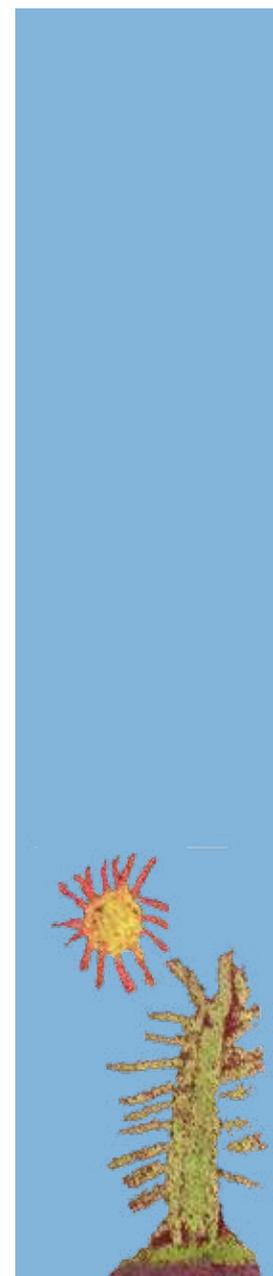
No jogo de pega-pega ou de esconde-esconde, a regra está presente, mas, o modo de pensar a estratégia para vencer o jogo aciona diferentes habilidades como, por exemplo: a agilidade, a velocidade etc. No jogo de dominó, tal como foi proposto pela professora Fany, a regra é vivida de maneira semelhante, no entanto, o modo de operar a estratégia é muito diferente, pois mobiliza na criança operações mentais mais sofisticadas que

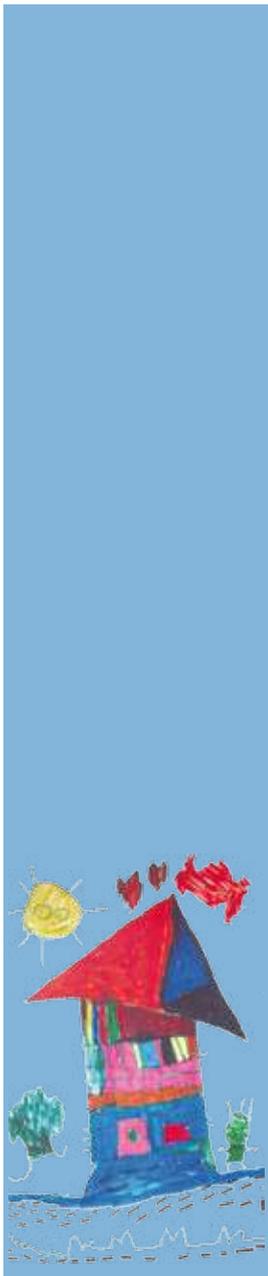
exigem planejamento, antecipação, etc. A criança até os 4 anos, pelo menos, está mais interessada em brincar do que em ganhar, a própria noção de ganhar é uma construção que se realiza à medida em que a criança aprende a jogar.

Outro ponto importante que pode ser discutido a partir dessa experiência é sobre o ganhar e perder no jogo. Os jogos com regras obrigam os jogadores a fazerem jogadas pensadas e a desenvolver estratégias mais elaboradas, pois exigem soluções rápidas e vivas. Eles propiciam um aprendizado muito significativo para as crianças porque são carregados de simbolismo e possibilitam a criação de ações e estratégias para definir o ganho ou a perda. Às vezes a criança transgride as regras porque quer ganhar sempre. Essa conduta deve ser discutida e analisada com ela e com as outras crianças para propiciar uma reflexão e uma mudança de atitude e também um avanço no aprendizado. Afinal, essa é também uma das finalidades do jogo: trabalhar os conflitos de ganho e perda nas crianças.

Jogando, a criança aprende que nós não ganhamos sempre, mas também perdemos. Não é possível e nem desejável que o adulto passe a inventar jeitos e jeitos para que as crianças não passem por esse conflito. Perdeu, perdeu! Os jogos não são apenas prazer e divertimento, pois quando a criança perde no jogo, isso provoca nela alguns sentimentos de frustração, mas esses sentimentos têm que ser trabalhados nessa idade para que elas possam superá-los.

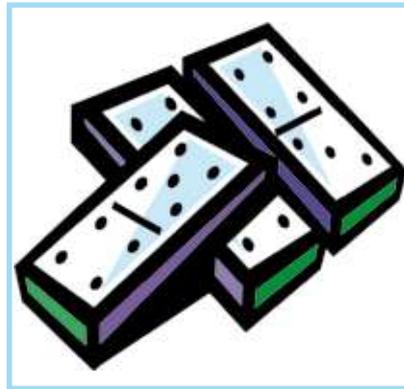
O domínio do jogo de dominó bem como de outros jogos de mesa pode sustentar bases para um interessante trabalho com a matemática. Veja as orientações curriculares e participe do curso Percursos de Aprendizagem na Educação Infantil: experiências de apropriação do conhecimento matemático para ampliar suas possibilidades de trabalho nessa direção.





## A origem do dominó

Você sabia que o dominó é um jogo conhecido por muitos povos desde os tempos mais remotos e que sua origem está ligada à China, segundo lendas daquele país? Mas alguns estudiosos dizem que o jogo teria surgido simultaneamente em vários países. Segundo esses estudiosos, o nome dominó provém de uma expressão latina *Domino gratias* - quer dizer "graças a Deus" - usada por padres europeus, quando faziam uma boa jogada ou quando venciam o jogo. No Brasil ele teria sido trazido pelos portugueses durante a colonização no século XVII. O jogo tem muitas variações, mas a mais conhecida é com 28 peças e 4 jogadores, é um jogo muito popular no Brasil e é jogado por crianças, adultos e velhos. Em algumas cidades é até possível ver nas praças pequenas rodas de jogadores em torno de um tabuleiro com 4 pessoas jogando dominó. Não podemos também esquecer a brincadeira que deu origem a expressão "efeito dominó": coloca-se peças em pé, uma na frente da outra... derrubando a primeira, uma derruba a outra até que todas as peças caiam.



<sup>4</sup> O formador produziu o texto a partir: *Percursos de aprendizagens na Educação Infantil: Jogar e Brincar* - DRE Pirituba/Jaraguá 2010.

## Planejamento - Jogo de Dominó

Turma: 4 e 5 anos

Professores: Fernando Brandão e Joseane Bonfim

### Proposta:

- Jogar Dominó com as crianças.

### Objetivos:

- Proporcionar às crianças a possibilidade de conhecer um jogo de tabuleiro e jogar com os amigos;
- Desafiar as crianças a compreenderem e respeitarem regras do Jogo de Dominó, mobilizando nelas operações mentais mais sofisticadas que exigem planejamento, observação e antecipação;
- Ampliar o repertório de jogos das crianças para utilizarem em vários momentos na escola ou em outros lugares que desejarem;
- Possibilitar que a criança possa explicar as regras do jogo para outras crianças e jogar sem a intervenção das professoras.

### Conteúdos:

- Regras do jogo de dominó e estratégias básicas.

### Desenvolvimento:

1. Oferecer no canto da sala, no momento da entrada, jogos de dominó: um jogo em cada mesa. Observar como as crianças utilizam os jogos, se reconhecem as peças, se já conhecem algumas regras, etc.
2. Depois, numa roda de conversa, pesquisar com as crianças quem conhece aquele jogo ou pode dizer o que sabe sobre ele: quem já viu os adultos jogando? Aonde jogou? Com quem?
3. Só então será apresentada a regra do jogo: em uma roda com o grupo de crianças, o professor assume o papel de um jogador e o conjunto da roda, o adversário.
4. Em seguida, organizar pequenos grupos e permitir que as crianças joguem por conta própria, enquanto o professor circula pela sala observando as crianças e intervindo se necessário. Jogar Dominó com as crianças.





### Orientações:

- O professor deve ajudar a organizar o jogo, ensinar e também jogar junto com as crianças, até que elas saibam jogar sozinhas sem ajuda do adulto;
- Preparar outros cantos na sala para as outras crianças brincarem, enquanto a professora ensina e joga Dominó com quatro crianças.

### Organização do tempo da atividade da criança:

Vamos utilizar aproximadamente 30 minutos, sendo 10 minutos para ensinar e 20 para jogar, dependendo da partida, antes do horário do almoço ou do lanche ou no retorno do parque, como possibilidade de uma atividade de passagem entre um momento e outro da rotina.

### Organização do espaço e dos materiais para a atividade das crianças:

Vamos utilizar aproximadamente 30 minutos, sendo 10 minutos para ensinar e 20 para jogar, dependendo da partida, antes do horário do almoço ou do lanche ou no retorno do parque, como possibilidade de uma atividade de passagem entre um momento e outro da rotina.

### Interações:

O jogo de dominó possibilita interações entre as crianças, desde o momento dos combinados, onde se inicia a discussão das regras, até a observação das jogadas dos amigos. Na hora de ensinar o jogo para toda a turma, poderemos pensar nas Interações professor-criança na roda. Depois, interação de crianças em quartetos, cada um com o seu jogo, assegurando mais autonomia para explorar as peças e as regras bem como para reconhecer e enfrentar conflitos que a partida provoca.

# CONVERSAR SOBRE A BRINCADEIRA

## UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO

*Joseane Bonfim<sup>4</sup>*

Por que será que algumas vezes tentamos iniciar uma brincadeira com as crianças e elas não se interessam? Para essa pergunta nós poderíamos destacar pelo menos uns 10 motivos diferentes, como por exemplo: as crianças estão desenvolvendo uma atividade que está mais interessante do que a brincadeira proposta, o horário em que a brincadeira foi proposta não foi muito adequado, etc. Mas vamos colocar foco em apenas um, que a meu ver é bastante importante: uma boa conversa antes de iniciar da brincadeira.

A roda de conversa é um recurso bastante utilizado pelas professoras para comunicá-las sobre a rotina do dia, sobre assuntos que serão trabalhados, sobre dúvidas ou questionamentos trazidos pelas crianças, etc. O que estamos propondo aqui é usá-la também para ensinar as crianças como brincar. Sentar junto com as crianças e investigar o que elas sabem ou não sobre a brincadeira, como elas acham que pode ser as brincadeiras, explicar as regras, fazer os combinados e compartilhar juntamente com as crianças os sentidos e significados que elas vão dando para a brincadeira ajuda muito na compreensão das mesmas e consequentemente no desenvolvimento da brincadeira.

Para exemplificar a importância da Roda de Conversa na compreensão e no aprendizado das crianças de brincadeira, vamos apresentar a experiência vivida pela professora Camila da Silva Marcelino da EMEI Globo do Sol, DRE São Miguel. A atividade proposta pela professora era uma brincadeira de esconde-esconde. Essa brincadeira foi relatada pela professora em quatro dias diferentes onde é possível observar as mudanças que foram acontecendo no comportamento das crianças à medida que elas foram sendo mediadas pelas Rodas de Conversa.

No 1º dia a brincadeira foi desenvolvida na quadra:

“Iniciei a atividade com a roda de conversa, onde foi possível explicar a brincadeira. As próprias crianças foram exemplificando quais as



<sup>4</sup> A formadora produziu o texto a partir da experiência do curso: *Percurso de aprendizagem na Educação Infantil - Jogar e Brincar na DRE São Miguel, 2011.*

possibilidades de esconderijo e eu fui dramatizando com outra professora as situações que eles poderiam vivenciar. Estipulamos como regra apenas se esconder do procurador, ou seja, daquela criança que está “batendo cara”. Nesse primeiro momento, não colocamos o “salva todos” ou “salva mundo”, priorizei a apropriação da brincadeira e a emoção que dá de se esconder e de ser pego.”

No relato acima ficam claras algumas decisões que a professora tomou, com o objetivo de ajudar os alunos a compreenderem a brincadeira e iniciar a atividade. Ela optou por explicar alguns fundamentos básicos da brincadeira, e deixou que eles brincassem para ver como eles se saíam. Depois que as crianças brincaram um pouco, a professora decidiu chamar novamente os alunos para uma Roda de Conversa, e desta vez tentando esclarecer pontos que ainda não tinham sido apropriados pelas crianças:

“Antes de continuar a brincadeira, achei necessário intervir e dizer que elas tinham observado e falado na roda de conversa que havia vários esconderijos e implantar uma nova regra: a de que não podemos dividir o mesmo esconderijo com outro amigo. Davi então perguntou: “Podemos nos esconder atrás dos carros?” Solicitei a ajuda de outra professora para que ficasse no estacionamento auxiliando as crianças que queriam esconder-se nesse espaço”.

Antes de dar continuidade à brincadeira, a professora retoma com as crianças as regras, criando um clima de compartilhamento e cumplicidade, entre as crianças e a professora. Em seguida a professora estabelece novos acordos, deixando-os mais claros dessa vez, como por exemplo reiterar a variedade de esconderijos e que as crianças deveriam se esconder separadamente. Após essa intervenção a professora observa que as crianças assimilaram melhor a brincadeira e passaram a ocupar os esconderijos existentes pelo espaço de forma variada.

No segundo dia a professora também deu início à brincadeira com a roda de conversa, tendo como objetivo esclarecer dúvidas e verificar o que tinha sido apropriado pelas crianças, além de dar voz às opiniões



e experiências vividas pelas mesmas. Nesse dia estava chovendo muito e elas decidiram brincar na sala de aula. Segue uma parte do diálogo desenvolvido pelas crianças:

Erick: - Eu achei muito legal. Dá um negócio na barriga da gente quando a gente vai se esconder.

Ana: - Não pode se esconder no mesmo lugar que o amigo, né? Porque senão ele fica perto da gente e a gente fica rindo e o procurador acha a gente, né?

Davi: - Nós vamos se esconder debaixo da mesa.

Kauê: - A gente pode se esconder dentro da caixa, né?

Ana: - É, mais e se você se afogar dentro da caixa?

Gustavo:- Não vai se afogar, não é água!

Nesse momento a professora também estabeleceu novos combinados com as crianças: o procurador deverá contar e falar "Lá vou eu!"; a primeira criança a ser encontrada deverá ser o procurador na próxima vez; quando o procurador encontrar alguma criança deverá falar seu nome bem alto e ela deverá sair do esconderijo e ir para frente da lousa; as crianças que forem pegas não poderão dedurar onde estão as outras crianças; somente um procurador.

Nota-se que a professora estava muito consciente dos passos que deveriam ser ensinados para as crianças, e que o momento mais adequado para inserir novos combinados era o da roda de conversa.

No 3º dia a brincadeira foi feita no parque e a professora quis saber se as crianças conheciam outros jeitos de brincar.

Warrison:- Quero brincar igual é na minha rua.

Professora:- E como é que você brinca na sua rua?

Warrison:- Tem que bater na parede e se salvar.

As crianças indicaram, na roda de conversa, que já estavam prontas para novos desafios, e a professora resolveu explicar mais uma regra da brincadeira, o "salva todos". Foi possível perceber que as crianças tiveram dificuldade em assimilar essa regra e a professora resolveu brincar



junto com eles. A estratégia de servir de modelo para as crianças foi bastante adequada nesse momento, pois elas conseguiram visualizar o que significava “salvar todos” além de entenderem qual o melhor momento de sair do esconderijo.

No 4º dia a professora aproveitou a roda de conversa para investigar com os alunos o lugar que eles mais gostaram de brincar:

Mostrei um cartaz onde estava escrito quadra, sala e parque e distribui papel dobradura em forma de quadrado e disse que iríamos construir um gráfico. Então solicitei para a turma que colasse os quadrados no cartaz de acordo com a sua preferência, ou seja, qual foi o espaço da escola em que cada um gostou mais de brincar e o que tivesse o maior número de votos iríamos brincar nele novamente. Para minha surpresa o espaço ganhador foi a sala de aula. Fiquei surpresa porque as crianças gostam muito de ir ao parque e à quadra e esses espaços são garantidos na programação didática. Acredito que eles gostaram mais da sala devido aos esconderijos. Segue abaixo alguns relatos:

Professora: - Qual foi o lugar que ganhou?

Todos: - Na sala!

Erick: - Porque ela é grande e tem mesa.

Davi: - Porque apaga a luz e assim não vê.

Kauã: - Porque tem a caixa para se esconder.

Victor: - Porque tem cortina.

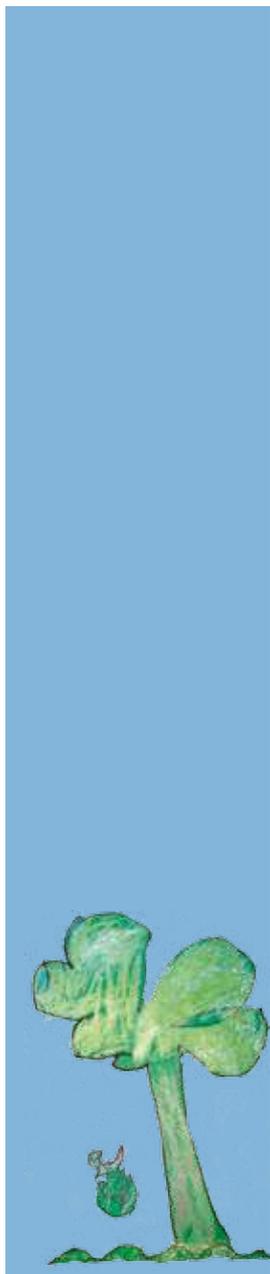
Nicolly: - Tem armário.

Davi: - Porque tem a Isabele e ela é linda!

Isabele: - Não, a minha mãe não deixa ficar apaixonada!

Respeitar a opinião das crianças, entender que elas são capazes de fazer suas escolhas e fazer dessa hora um momento para visualizar como o grupo lida com as diferenças, aproximou ainda mais as crianças da brincadeira que seria realizada em seguida:

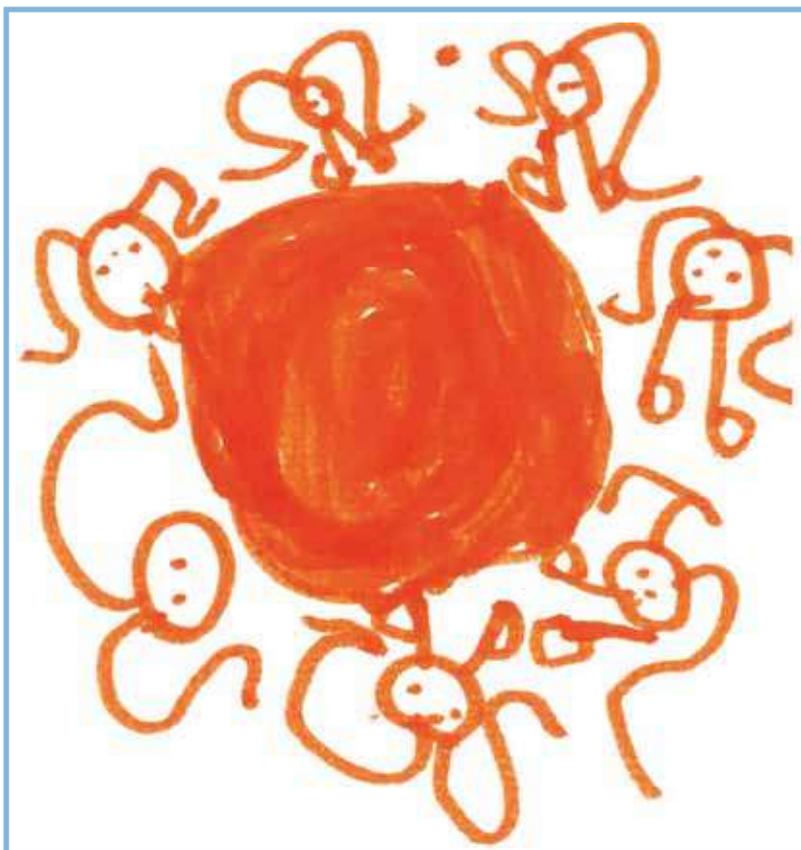
“As próprias crianças quiseram brincar com a regra “1,2,3, tô salvo”. Foi muito revelador como eles se organizaram com os esconderijos



e com as regras. Todas as crianças entenderam as regras e se divertiram com elas. Foi possível perceber que ficou mais legal com o incremento de uma regra, proporcionando mais emoção, apropriação e encantamento pela brincadeira.”

O planejamento feito pela professora foi crucial para o aprendizado da brincadeira pelas crianças. Claramente a professora enfatizou o cuidado com a comunicação durante o processo de apropriação da brincadeira de esconde-esconde, e este foi revelado pelos trechos das rodas de conversa acima descritas.

É possível observar todo o cuidado da professora em ajudar as crianças a se apropriarem das regras da brincadeira. Essa estratégia, juntamente com os momentos de roda de conversa, possibilitou às crianças o domínio gradativo dos conteúdos ensinados pela professora, à medida que já estavam prontos para serem assimilados. Avaliamos que esse modo de trabalhar, pode ajudar muitas outras professoras a aproveitar melhor o tempo de brincar no CEI e na EMEI.



# CONHECER E BRINCAR

## QUANDO AS BRINCADEIRAS FICAM MAIS INTERESSANTES PARA AS CRIANÇAS

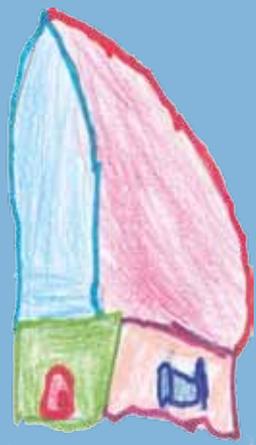
*Elaine Cristina Xavier da Glória Santana e Sisleide Batista dos anjos Carvalho<sup>5</sup>*

Hoje há um consenso sobre a necessidade de se assegurar a brincadeira espontânea da criança, aquela que ela organiza livremente com seus pares, que cria cenários e enredos para fazer de conta. No entanto, Fernando Brandão, formador do curso, alerta sobre o fato de que a brincadeira não é tão espontânea assim, mas fruto de experiências sociais que as crianças elaboram também dentro da unidade educativa. Ele afirma que “as brincadeiras ficam mais interessantes quando as crianças podem combinar os diversos conhecimentos a que tiveram acesso. Nessas combinações, as crianças revelam suas visões de mundo e suas descobertas.”

A experiência das professoras de nossa Rede confirma essa hipótese. Para tratar disso, selecionamos dois relatos que são muito oportunos para ensinar a observar as crianças e investigar os enredos que elas apresentam em suas brincadeiras. Sisleide Batista dos Anjos Carvalho, do CEI Parque Grajaú, refletiu sobre o assunto no curso: *Narrativas Infantis no Jogo do Faz de conta*, do qual participou em 2010. Ela relatou na ocasião:

“Muito se engana quem pensa que essas atividades realizadas no CEI, acontecem apenas para passar o tempo da criança. O lúdico é o meio de acesso mais produtivo no desenvolvimento infantil. A fantasia e a realidade sempre disputaram espaço no imaginário infantil e constituem uma importante ferramenta na construção do conhecimento. Fantasiando, inventando em cima da realidade, a criança vai vivenciando e assimilando suas dúvidas, suas angústias, vai construindo seu conhecimento.

Sempre que voltamos do café, realizamos roda de conversa e como de costume todos se dirigiram ao círculo e sentaram. Após o bom dia aos colegas, comuniquei a eles que iríamos levar as bonecas para tomarem



<sup>5</sup> Professoras da DRE Capela do Socorro, participantes do curso: *Narrativas Infantis no Jogo do Faz de Conta*, DRE Capela do Socorro, em 2010.

banho na área externa, já que o dia estava lindo. Questionei-os sobre o que precisamos para o banho. A Renata respondeu:

- A banheira pra dá banho no nenê e a Eduarda continuou o sabão!

- Muito bem, mas acho que ainda esta faltando algo, o que será?

Todos olharam pensativos, então a Camila olhou e disse:

- Assim tia - e mexeu com as mãozinhas como se estivesse jogando a água na boneca.

Então perguntei:

- O que esta fazendo?

A Renata respondeu:

- Jogando água!

- E tem água aqui?

- Não - acrescentou - a Eduarda "ta faltando"!

Mas é claro, ela já estava usando sua imaginação para representar a água.

- Depois de tomar banho o que fazemos?

A Kemilly respondeu:

- Seca com a toalha e a mamãe coloca a roupa.

Após os questionamentos, cada um pegou o seu bebê pra dar o banho. Ficaram muito entusiasmados com a banheira cheia de água, sorriam e demonstravam pra os colegas as formas vivenciadas com o banho. A Camila colocou a boneca na banheira, passou a mão sobre o corpo dela e disse:

- Lavar o bumbum com sabão, assim...olha!

O Alexandre deu banho por várias vezes, secava e virava a banheira. A Eduarda distribuiu o sabão para os colegas e disse:

- Cuidado nenê com o olho, tem muito sabão no cabelo.

A Kimberlly acrescentou:

- O nenê vai tomar banho pra dormir, acabou tia, cadê a toalha?



A Renata concentrou-se no banho. Assim como os colegas repetiu por várias vezes o processo: lavar e secar. Quando terminamos o banho nos dirigimos à sala, ao entrar a Renata disse:

- Ti, coloca o colchão pra o nenê dormir.

Ao colocar o colchonete todos se dirigiram a ele, colocaram os bebês e os cobriram. A Kimberlly disse:

- Vou contar uma história pra você,

Pegou um livro e começou a folheá-lo, conversando com a boneca. A Renata começou a cantar a música boi da cara preta, enquanto os outros colegas seguravam ou tentavam colocar as bonecas sobre o colchonete, sempre pedindo para os colegas não mexerem nos bebês.”

Enquanto isso, do outro lado da cidade, a professora Elaine Cristina Xavier da Gloria Santana, professora do Infantil I da EMEI Professora Cecília Sant’Anna de Souza, descobre um outro tema próprio das brincadeiras de sua turma. Ela nos conta:

“Ao chegarmos na brinquedoteca, percebi que um grupo de meninos se deslocava com ansiedade para o canto da oficina mecânica. Na sala é comum encontrarmos brinquedos referentes a este tema, porém havia alguns objetos de madeira que pareciam ferramentas, o que motivou todos no faz de conta.

Discutiram entre eles quem ficaria com cada peça e o que cada um seria na oficina:

Nicolas: - Eu sou o motorista! (pegou depressa o carrinho de corrida)

Igor: - Eu também vou dirigir, tá! (pegou um caminhão)

Guilherme: - Eu sou o mecânico! (juntou algumas ferramentas)

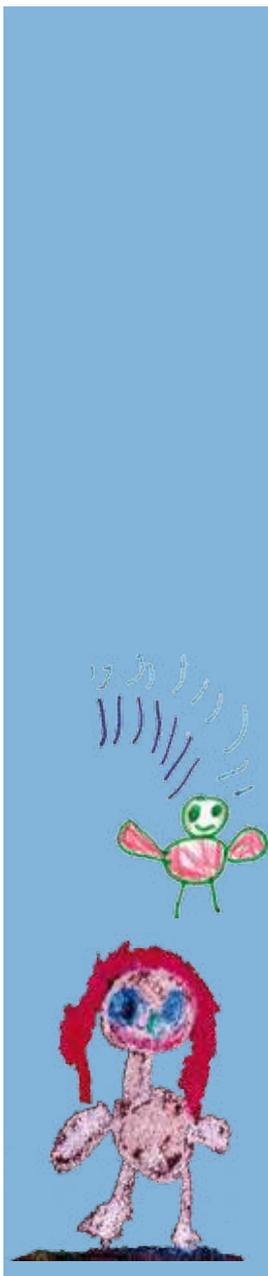
Pablo: - Ah! Eu é que quero consertar! (tentou pegar as mesmas)

Então começaram a brigar puxando os brinquedos um do outro!

Fui obrigada a fazer uma interferência: Quantos mecânicos pode ter em uma oficina? Um poderia ajudar o outro!

Nicolas: - É mesmo, né Prô! Tem tantas peças! Não precisa brigar!

Assim, um pouco ariscos, começaram a se entender dividindo os brinquedos. Enquanto Nicolas e Igor corriam com os carrinhos, fazendo barulhos de freadas e cavalinhos-de-pau, os outros meninos, consertavam



vários carrinhos usando furadeiras, martelos, chaves de fenda, de boca, bigorna, parafuso, etc. Enquanto corriam, uma roda se desprende do carrinho do Igor, que sem demora levou para o Pablo arrumar.

Pablo: pode deixar que eu arrumo! Só que você tem que me dar dinheiro!

Logo o Igor tratou de improvisar umas notas, utilizando figurinhas que trouxe de casa!

Igor: eu tenho dinheiro! Toma, agora arruma meu carro!

Bate aqui, fura e parafusa ali...

Pablo toma, tá pronto!

Assim cada um volta a repetir por algumas vezes a mesma brincadeira até que termine o horário na brinquedoteca. De acordo com nosso combinado diário, todos arrumam a sala, deixando-a da mesma forma que a encontraram."

De onde vem esses repertórios? No primeiro caso, é a própria professora Sisleide quem responde: "A nossa rotina proporciona momentos em que pelo brincar e não apenas pelo cuidar as crianças contemplam a sua identidade, passem a entender a si mesmas e ao universo cultural em que estão inseridas." Assim, ler histórias e cantar é parte das atividades diárias daquelas crianças tanto quanto tomar banho. Por isso elas aparecem como atividades integradas ao faz de conta da turma.

No segundo caso, podemos pensar que a brincadeira de oficina pode não ser própria das crianças assim como tomar banho ou ler, por exemplo. É possível que só brinquem de oficina os que conhecem o trabalho da oficina. No entanto, a EMEI intervém na exploração dos temas de brincar propondo cantos organizados para determinadas brincadeiras. Assim, ter o espaço com os materiais próprios para brincar de oficina convida as crianças a explorarem esse enredo e improvisarem situações que podem ser vividas na oficina. Uma possibilidade para explorar a brincadeira seria, por exemplo, convidar um pai da escola que trabalha com mecânica e, quem sabe, entrevistá-lo ou até mesmo conhecer seu ambiente de trabalho.

Vemos, desse modo, como os temas para brincar de faz de conta podem ser alimentados na vivência enriquecedora propiciada por CEI e EMEI.

E na sua unidade, quais são os enredos favoritos das crianças?



## O olhar investigativo para a brincadeira

*Fernanda Cardoso Goulart<sup>6</sup>*

Além do espaço, é preciso estar atentos às brincadeiras das crianças. Seus interesses demonstrados no faz de conta podem nos dar novas pistas de reorganização deste espaço e interferências neste universo mágico e fundamental para o desenvolvimento humano. Muitas vezes registro no diário de bordo essas viagens imaginativas das crianças e encontro pistas importantes para trabalhar outro conteúdo do currículo. Outro dia estava observando Pedro brincar com monta-tudo. Ele fez um binóculo, mas não sabia o nome. Brincava de ver as coisas e estava curioso com a janela que não lhe dá pé, ou seja, sem visão de alcance. Sugeri um barquinho para subir e olhar com seu objeto imaginativo o que ocorria lá fora e tudo isso foi uma descoberta. Lembro-me de ter registrado no diário que poderíamos inserir no planejamento este brinquedo feito com objetos do cotidiano, como rolos de papel e plástico colorido.

Minhas interferências na brincadeira livre são poucas, acontecem quando solicitado por eles ou quando creio que posso acrescentar algo no universo imaginativo. Muitos educadores interferem somente nos conflitos, mas ser parceira da brincadeira é mais do que isto. A rotina também deve apresentar uma flexibilidade das nossas ações. Um exemplo disso são as histórias que conto quase diariamente. Pode ser na roda ou brincadeira livre. Outro dia separei um livro o qual contaria para crianças em roda, depois do tempo da brincadeira livre. Uma criança viu o livro na bancada e pediu para eu contar. Aconcheguei-me com ele nas almofadas e contei a história com outras crianças interessadas, mas não todas. Perceber essas possibilidades de troca da rotina traz para brincadeira uma valorização maior neste espaço educativo.



<sup>6</sup> Professora do CEI CEU Butantã, participante do curso: *Percursos de Aprendizagem na Educação Infantil: Jogar e Brincar*, DRE Butantã, 2010.

# JOGAR E BRINCAR NA VILA CURUÇÁ

## RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NA EMEI

*Michelle Alves Nascimento*

Jogar e brincar são aspectos constitutivos do currículo da educação infantil porque constitui um modo de expressão da criança pequena de produção de cultura, daí seu valor nos programas de formação nas instituições que atendem o período da infância.

Essa premissa inspirou a equipe do CEU EMEI Vila Curuçá na elaboração do PEA 2011, pois estávamos todos preocupados em refletir sobre como qualificar o trabalho que já desenvolvíamos em relação ao brincar. Questões como: é natural a brincadeira para a criança? Qual é o papel do professor nessa atividade? Como intervir nas brincadeiras ampliando a experiência de brincar? O que significa brincar pelo brincar? Quais as contribuições do brincar pelo brincar para a formação das crianças pequenas?

Vale destacar que o jogar e o brincar já faziam parte da rotina das crianças e, embora as crianças normalmente aceitassem bem as brincadeiras propostas, a organização era outra, diferente do que foi possível aprender no curso.

Foi nesse contexto que fui convidada a participar do curso de formação "Percurso de aprendizagens na Educação Infantil: Jogar e Brincar". Confesso que no começo entendia a brincadeira como uma atividade natural da criança, que não exigia muito planejamento, nem intervenção do professor, porém essas ideias foram se transformando inicialmente com a discussão no espaço de formação na escola e posteriormente com a participação nesse curso.

Durante todo o período de curso me senti desafiada, velhos novos jogos e brincadeiras teriam que ser incorporados á minha prática. Mudar velhos hábitos não é uma coisa fácil, nos acostumamos com a rotina e abrir espaço para o novo, no caso a brincadeira dirigida, com objetivos bem claros e definidos gera certo desconforto.

Partindo do princípio do protagonismo infantil, iniciei todas as atividades propostas com uma roda de conversa, a fim de estabelecer com as crianças nossos combinados e regras, discutir estratégias, saber qual o conhecimento que tinham do jogo ou da brincadeira proposta, deixá-las



seguras para que durante o jogo discutissem novas regras e possibilidades e com um olhar sensível ver a percepção deles sobre o momento.

O primeiro desafio proposto, brincar de esconde-esconde com as crianças, me deixou muito incomodada: como eu brincaria num espaço tão amplo como o CEU? Por que brincar de esconde-esconde? Como essa brincadeira ampliaria o repertório de brincadeiras das crianças considerando que ela faz parte da experiência de muitas crianças? Porque brincar com algo tão comum para eles?

Foi durante a formação no PEA que expus minhas dúvidas e o grupo se propôs a ajudar. Lembro-me da coordenadora, dentre outras sugestões da equipe, me desafiar a conversar com as crianças sobre o lugar onde poderíamos brincar. Uma troca de experiência crítica marcou a passagem pelo curso, pois no PEA a reflexão feita no curso era não apenas socializada, mas discutida e, porque não dizer, ampliada em vários sentidos, um deles diz respeito à adequação in loco do tempo, do espaço, das interações e dos materiais.

Quantos questionamentos eu pude responder ao vivenciar a brincadeira com meus alunos. Para as crianças brincar de esconde-esconde de fato não era algo novo, mas brincar de esconde-esconde na escola e com a professora era sim algo extremamente diferente e prazeroso. Sem dúvida a roda de conversa antes da brincadeira foi extremamente importante, nela as crianças puderam sugerir um espaço não pensado por mim para brincarmos, no caso o parque do CEI. Definimos o espaço que ocuparíamos, até quanto contar e como os “batedores de cara” seriam substituídos, questões relevantes para o sucesso da atividade.

Foi surpreendente acompanhar o desenrolar dessa atividade, como inicialmente todas as crianças se escondiam no mesmo lugar, depois foram se diferenciando, tanto os que se escondiam buscavam lugares diferentes, como quem batia cara tornava-se mais ágil nesta tarefa, por fim, as crianças passaram a incorporar essa brincadeira na sua rotina nos espaços “livres” como o parque.

Certa de que o “pior” já tinha passado, fui animada para o próximo encontro e me deparo com outro desafio: o dominó! Mesmo sendo um jogo que faz parte da minha vivência familiar e social nunca tive interesse em aprender a jogar, nem a usar esse recurso de forma dirigida com meus

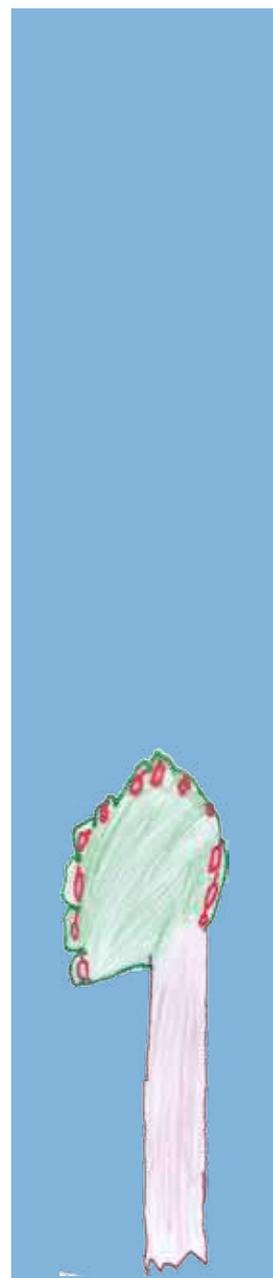


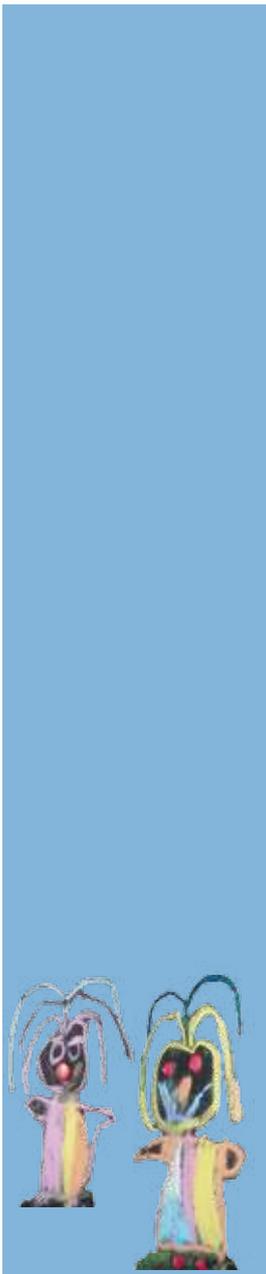
<sup>7</sup> Professora do EMEI CEU Vila Curuçá – Irene Ramalho. Produziu o texto a partir da experiência no curso: Percursos de Aprendizagem na Educação Infantil - jogar e brincar, DRE São Miguel, 2011.

alunos. Minha preocupação inicial foi com a insistência da formadora no curso em relação à manutenção das regras: quatro jogadores, sete peças para cada um, usar o dominó oficial, etc. Entendo que o dominó é um jogo que tem suas regras estabelecidas socialmente, mas aprender o jogo na escola, numa turma de 35 alunos, é diferente de aprendê-lo em casa ou em outro ambiente. Então considerei minha experiência com o grupo, os recursos humanos e materiais de que dispunha e organizei a atividade para a turma.

Apresentei o dominó na roda de conversa e percebi que algumas crianças já tinham conhecimento do jogo, então propus que jogássemos de forma coletiva: cada criança pegou uma peça e fomos jogando. Enquanto jogávamos, expliquei que a forma convencional de jogar não era aquela, mas que teríamos aquele momento para que nossos colegas que ainda não conheciam o dominó fossem se familiarizando com ele. Nos dois dias que se seguiram vivenciamos o jogo da sua forma convencional, cada mesinha com 4 crianças, cada criança com 7 peças passando a vez quando não tivessem a pedra e o jogo terminaria quando alguém ficasse sem nenhuma. Não podia acompanhar todos os grupos ao mesmo tempo, então, enquanto auxiliava um grupo os outros iam explorando o jogo com a ajuda do conhecimento de alguns colegas.

Os meus objetivos para esse jogo foram alcançados, as crianças jogam de forma autônoma e socializam seus conhecimentos com os colegas e familiares, segundo o próprio relato dos pais. Finalizamos a atividade com a escrita das regras do jogo, em exposição na nossa sala.





Fotos: Proª Michelle Alves Nascimento/ CEU EMEI Vila Curuça - DRE São Miguel Paulista

Brincando de esconde-esconde no CEU Vila Curuça

As últimas brincadeiras, analisadas no curso e desenvolvidas com as crianças, foram o jogo de percurso simples e com obstáculo, acho que durante todo o curso esses dois momentos foram os mais tranquilos e prazerosos para mim.

Para introduzir o jogo, fiz uma trilha no chão da sala, e enquanto fazia isso ouvia as hipóteses das crianças, que em sua maioria diziam ser uma amarelinha, uma das crianças observou que a amarelinha só ia até o número 10, então "aquilo era outra coisa que jogaríamos com o dado".

Mostrei o dado para as crianças e expliquei que ele tinha seis lados, cada um com uma quantidade que ia do 1 ao 6, exemplifiquei jogando o dado que caiu no número 5:

" - Crianças, o dado caiu no número 5. O que vocês acham que devo fazer?

- Você vai para o número 5! - Foi uma unanimidade.

Joguei o dado novamente e desta vez caiu no número 3:

- E agora crianças?

- Você vai para o número 3 (referindo-se à terceira casa da trilha).

- Então eu tenho que voltar para o número o número 3?

- Sim.- disseram as crianças.

- Será que vou conseguir chegar ao 20 assim?

- Vai - afirmaram todas.

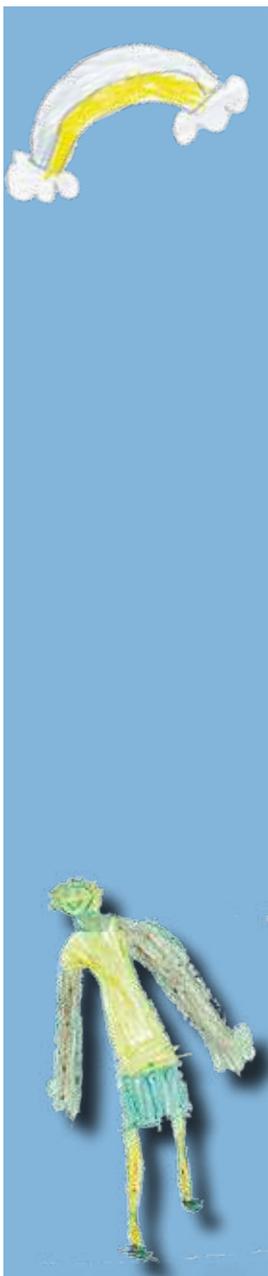
- Mas o dado só vai até o número 6, como vou conseguir chegar lá?

As crianças pensaram e não conseguiram chegar a uma resposta."

Nesse momento, trouxe novas informações explicitando as regras do jogo e, após combinarmos que nos dividiríamos em cinco grupos de quatro crianças cada, definimos a ordem em que jogaríamos e começamos a jogar. Depois desse momento fomos jogar no tabuleiro e observei que para as crianças foi mais fácil.

A proposta seguinte era fazer o jogo com obstáculos utilizando o mesmo tabuleiro confeccionado por mim. Meu desafio agora era pensar obstáculos que promovessem o jogo autônomo entre as crianças, ou seja,





que elas conseguissem identificar os obstáculos sem a minha ajuda. Como meus alunos ainda não são alfabetizados fiz a escrita convencional, mas me preocupei em colocar símbolos que eles pudessem “ler” e continuar a brincadeira mesmo sem a minha presença.

Para saber se vão voltar ou avançar no jogo, usei como estratégia carinhas felizes ou tristes para saber a quantidade de casas que deveriam avançar ou recuar as crianças se atentavam para o numeral e para as carinhas. Além disso, coloquei desenhos que representavam a escrita. Por exemplo: Você ajudou a guardar os brinquedos! Avance 3 casas. Além das orientações escritas, para cada obstáculo foi criado um registro icônico, no obstáculo anteriormente descrito, tinha um baú com os brinquedos dentro. Esses registros no corpo da trilha, acompanhados de nossa conversa sobre as regras, foram suficientes para subsidiar o jogo das crianças. O texto das orientações curriculares enfatiza a importância do jogar e brincar principalmente por que:

Com o seu desenvolvimento, a criança passa a apreciar jogos de regras, nas quais criam formas de alcançar um determinado objetivo obedecendo a limitações colocadas pelas normas acordadas pelos jovens jogadores. (Orientações Curriculares: Expectativas de Aprendizagem e Orientações Didáticas para a Educação Infantil, 2007, p.56)

O que posso dizer ou deixar aqui como contribuição para meus colegas professores é que, essa linguagem merece tanto espaço quanto as outras, e que planejarmos esse momento é igualmente importante, visto que quando o professor não tem claro sua proposta, conseqüentemente a criança também ficará confusa, o que acaba por prejudicar a dinâmica da atividade, além disso, a repetição da brincadeira faz-se necessária para que as crianças se apropriem dela e para o professor observar erros, acertos e modificações, todas pensadas a partir do contexto em que as brincadeiras são propostas pelo professor ou pelas próprias crianças, e desta forma propor novos desafios que promovam o desenvolvimento da turma.

Hoje a organização de brincadeiras ganhou um novo sentido, sendo garantida no planejamento semanal, porém agora seu planejamento é mais minucioso: pensar no tempo, no espaço, nas interações, nos materiais e no envolvimento da turma é um desafio que atribui à ação de ensinar um caráter reflexivo, o que antes tinha pouca consciência. No momento, planejar, aplicar e avaliar as brincadeiras propostas não é mais

uma tarefa a cumprir em virtude das exigências da formadora, mas porque brincar e jogar de forma planejada faz muito sentido para mim e garantir esse momento para meus alunos tornou-se pré-requisito para que eu considere minha prática docente eficiente.



Fotos: Proa Michelle Alves Nascimento/ CEI Vila Curruça - DRE São Miguel Paulista





## É PRECISO PLANEJAR BRINCADEIRAS COM BEBÊS?

*Joseane Bonfim<sup>8</sup>*

O título desse artigo parece bastante óbvio e nos leva a pensar: quem poderia achar o contrário? Durante o curso Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil: Jogar e Brincar, para professoras de CEI, percebi que, para muitas professoras, o óbvio ainda era uma grande dúvida.

A experiência de planejar brincadeiras para bebês que, a princípio, pareciam impossíveis, acabou se transformando num grande desafio para as professoras, como pode ser observado no relato da Professora Elaine Cristina de Carvalho, do CEI Jardim São Vicente, DRE de São Miguel Paulista:

“... Hoje consigo ter outro olhar sobre os jogos e brincadeiras, um olhar mais crítico, mais atento, mais observador, mais compreensivo... um olhar diferenciado que busca desafiar a criança, compreendendo a faixa etária e o desenvolvimento da criança, quando as brincadeiras e os jogos estão sendo realizados. Minha curiosidade foi aguçada ao ver que é possível aplicar atividades até então consideradas complexas com a turminha do Berçário I. Ao aplicar as atividades verifiquei que é possível fazê-las e ver o resultado, mesmo que ainda pequeno.”

É preciso entender que na hora de planejar uma brincadeira para os bebês, mesmo atividades complexas podem ser trabalhadas com as crianças, desde que seja respeitado os limites das mesmas. Considero importante explicar que quando digo que “é preciso respeitar os limites”, não significa que não devemos propor desafios para as crianças e sim que devemos tentar entender como aquela criança poderá agir diante da situação a que ela está sendo exposta, considerando o que eu gostaria que a crianças aprendessem com a atividade, qual a melhor forma de apresentar a atividade para as mesmas. Reflexões nessa direção nos levam a antecipar situações que podem ocorrer na hora da brincadeira e nos ajudam a pensar nas possíveis soluções para as dificuldades que podem aparecer.

Uma das atividades propostas no curso era apresentar o jogo de dominó para as crianças. De imediato as professoras acharam muito estranho tal atividade e que não seria possível desenvolvê-la com

---

<sup>8</sup> A formadora produziu o texto a partir da experiência do curso: Percursos de Aprendizagens na Educação Infantil - Jogar e Brincar DRE São Miguel, 2011.

crianças tão pequenas. Claramente as professoras, especialmente as de Berçário, esperavam que a atividade tivesse como objetivo que os bebês aprendessem a jogar dominó. Foi preciso esclarecer que o objetivo principal dessa atividade, com os bebês, era que eles conhecessem as peças, que eles tivessem a oportunidade de manuseá-las e que pudessem vivenciar as possibilidades que as peças de dominó pudessem oferecer. Apesar de algumas resistências as professoras foram para os CEI e desenvolveram a atividade proposta com as crianças. O relato da professora Ana Paula M. C. Nascimento, do CEI CEU Parque São Carlos, da DRE São Miguel, reflete a satisfação da mesma em realizar a atividade com os bebês:

“A atividade proposta, o jogo de dominó, nos rendeu gratas surpresas ao longo dos dias em que brincamos com as crianças... O tema foi trabalhado por três dias: primeiro só exploraram, depois quando explicamos e brincamos com ela, apresentaram comportamento bem próximo dos jogadores, esperando sua vez de jogar e fazer o que lhes tinha sido ensinado.”

No relato acima, fica muito claro a importância que o planejamento tem no desenvolvimento da atividade. A professora estava bastante segura dos passos que tinha planejado e como passar para as próximas etapas. A repetição da brincadeira em diferentes dias foi fundamental para que as crianças conseguissem desenvolver a atividade conforme esperado pela professora. A expectativa da professora também estava condizente com a faixa etária das crianças, e isso ajudou a mesma a propor novos desafios para as crianças à medida que elas iam se envolvendo na atividade.

Planejar uma brincadeira, muitas vezes é mais trabalhoso do que realizá-la, mas sem o planejamento fica muito mais difícil perceber o que deu certo, o que não deu e como podemos melhorar. Outro aprendizado importante para as professoras foi perceber que outro ponto fundamental para o sucesso das brincadeiras (ou atividades) com as crianças é a descrição das atividades realizadas, como relata a Professora Valdelice de Oliveira Moraes, do CEI Jardim Silva Telles, DRE São Miguel:

“Durante o curso tive a oportunidade também de aperfeiçoar meus planejamentos, pois já tinha o hábito de planejar e preparar minhas atividades, porém não registrava minuciosamente. Constatei com pesar, ao ler um registro do ano anterior, a falta que fez os detalhes, pois tentei lembrar como havia desenvolvido a atividade e não lembrei. Ao avaliar cada atividade desenvolvida, fica claro o que é preciso ser reformulado, quais os desafios que o grupo superou e quais estão muito além de sua capacidade...”



Registrar, através da escrita, o que ocorre no momento da atividade nos permite analisar nossas próprias atitudes, assim como verificar o que do nosso planejamento não está sendo contemplado no momento em que a atividade foi desenvolvida. Outras formas de registro, também são importantes: fotos, vídeos, desenhos das crianças, entre outros. É importante lembrar que eles de forma alguma substituem os registros escritos, apenas o compõe.

Chegando ao final da nossa conversa, proponho uma reflexão a partir da pergunta que compõem o título desse texto:

É preciso planejar brincadeiras com bebês?

Sim, o planejamento é parte fundamental para que o trabalho com os bebês tenha resultado positivo, juntamente com os registros necessários.

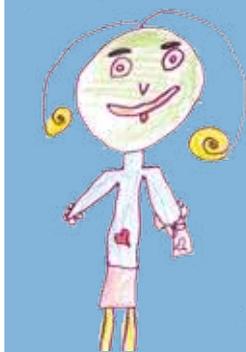


Foto: Ana Paula M. C. Nascimento, do CEI CEU Parque São Carlos, da DRE São Miguel

## ORGANIZANDO JOGOS E BRINCADEIRAS

Para ajudá-lo a melhorar seu olhar sobre sua própria prática, organizamos dois blocos de questões. Esperamos que possam alimentar sua reflexão!

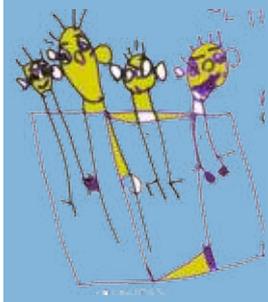
### Para brincar

- Como se manifestam as brincadeiras na comunidade da Unidade em que você trabalha?
- Qual a real importância do brincar para os educadores de sua Unidade Educacional?
  - Como essa importância se traduz no cotidiano?
  - Você organiza as brincadeiras? Quando isso acontece? Como acontece essa brincadeira?
  - Que espaço os brinquedos industrializados ocupam no cotidiano da Unidade?
  - Os brinquedos oferecidos para as brincadeiras são diversificados e flexíveis – brinquedos (convencionais, industrializados e artesanais) e materiais não estruturados (papelão, tecidos, pneus e outros materiais reaproveitáveis), favorecendo as invenções infantis?
  - Na organização dos materiais para brincar, você inclui fantasias e adereços que possibilitem às crianças viverem diferentes papéis? Conta com a presença de objetos da própria cultura, incluindo diferentes portadores de textos?
  - Qual é o espaço para a construção de engenhocas e para a invenção de brinquedos?

**(Inspirado nas reflexões do livro *Tempos e Espaços para a infância e suas linguagens nos CEI, creches e EMEI da cidade de São Paulo*, 2006, p. 48-51)**

## Para jogar

- Há em sua sala uma boa diversidade de jogos de mesa?
- Você considera que aprender a jogar é parte dos conteúdos da educação infantil e cuida de ampliar os conhecimentos das crianças sobre esse assunto?
- Você ensinar as crianças a jogar os jogos clássicos como dominó, trilha, etc.?
- Você pesquisa novos jogos para ensinar às crianças?
- Quais jogos são mais comuns? O que as crianças já conhecem? E o que não conhecem?
- Na sua sala, todas as crianças sabem usar joguetes para decidir quem começa um jogo (par ou ímpar; lá em cima do piano, etc.)?
- Na sua sala, todas as crianças dominam conhecimentos básicos de jogos como, por exemplo, jogar dados e avançar peões em um percurso?
- Você se preocupa em ampliar o repertório de jogos de mesa de sua turma?
- Você inclui em seu planejamento oportunidades para construir jogos com as crianças?



# BRINCAR NA NOSSA ESCOLA

## RELATO DE UM PERCURSO DE FORMAÇÃO<sup>11</sup>

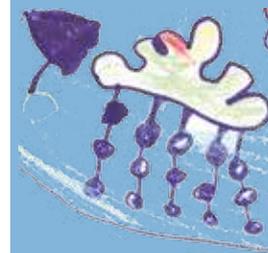
Isaneide Domingues<sup>12</sup>

Qual o sentido da aprendizagem na Educação Infantil? Como avaliar os avanços das crianças em relação ao brincar? Qual deve ser o papel do professor no trabalho com os conteúdos atrelados às brincadeiras tradicionais? Como intervir nas brincadeiras infantis de modo a favorecer a aprendizagem de todas as crianças? Essas e outras questões reverberaram na organização da prática docente em relação ao brincar e na formulação do Projeto Especial de Ação (PEA), 2011, que orienta a formação na escola, por meio do qual temos buscado referências para a nossa reflexão sobre como enriquecer o trabalho com a brincadeira na Educação Infantil.

No contexto das práticas vividas, das discussões sobre o registro pedagógico e o brincar na Educação Infantil foi nos oferecido pela Secretaria Municipal de Educação o curso "Percurso de Aprendizagens na Educação Infantil: Jogar e Brincar<sup>13</sup>". A proposta do curso, que coincidia com a temática da formação prevista no PEA, foi, especialmente, marcada pela forma como essa reflexão era desenvolvida no espaço escolar, pelo sentido que buscávamos dar ao trabalho com as brincadeiras infantis. De fato, as brincadeiras aconteciam, mas entendíamos que precisávamos qualificá-las.

Durante nossas discussões, nos encontros de formação na escola, guiados pelas informações do documento "Orientações Curriculares: Expectativas de Aprendizagem para a Educação Infantil" e outros autores, fomos ratificando a importância do planejamento e de marcar nesse processo, em cada experiência de aprendizagem, a organização do tempo, do espaço, dos materiais e das interações.

Tal experiência passou a ressignificar o papel dos registros, entre eles, os planos semestrais, semanais e diários, bem como, os do desenvolvimento da turma e de cada criança. Eles assumiram, como característica básica, a sistematização de todo o processo reflexivo do grupo, cujo foco deixava



<sup>11</sup> Texto produzido a partir da análise da experiência de formação vivida pelos professores e pelas crianças do CEU EMEI Vila Curuçá, DRE São Miguel.

<sup>12</sup> Coordenadora Pedagógica do CEU EMEI Vila Curuçá.

<sup>13</sup> Participaram desse processo de formação duas professoras do CEU EMEI Vila Curuçá, Michelle Alves Nascimento e Neusa Lopes Silva Lima. A experiência no curso era semanalmente socializada e discutida nos grupos de JEIF, nas análises sobre a temática do PEA – "CONVIVENDO E CONSTRUINDO O REGISTRO PEDAGÓGICO E UM NOVO OLHAR SOBRE AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL". Ao final da participação no curso, ambas apresentaram, numa Reunião Pedagógica, uma síntese dos trabalhos desenvolvidos com as crianças, a qual serviu de mote para nossa reflexão naquele dia.

de ser os aspectos amplos e pairava, agora, sobre o tratamento dado, nas programações didáticas, às brincadeiras infantis.

De imediato, identificamos a brincadeira como uma linguagem essencial da criança, uma das formas pelas quais ela explora o mundo e o recria. No entanto, essa aparente unanimidade escondia diferentes percepções sobre o tema. Para alguns professores, o brincar era compreendido como algo tão inerente a criança que a vivência dessa atividade constituía-se em um processo “natural”, não sendo visto como um elemento da cultura, como um conteúdo a ser explorado. Nossa investigação sobre a temática foi desconstruindo esse conceito e foi revelando um brincar significado pelos encaminhamentos propostos pelos professores.

O curso “Percurso de Aprendizagem na Educação Infantil: Jogar e Brincar” foi, nesse aspecto, um aliado, pois apoiava a formação vivenciada na escola e o trabalho realizado pela coordenação pedagógica ao trazer, na proposta dos Trabalhos Pessoais (TPs), um novo elemento prático, ampliando nossas possibilidades de análise e reafirmando, assim, o brincar como uma prática planejada e avaliada a partir das expectativas de aprendizagem previamente elencadas.

Nessa perspectiva, a marca da intencionalidade no trabalho educativo fez-se necessária, pois não se tratava apenas de elaborar um plano genérico sobre o brincar, mas de saber organizar dia a dia as brincadeiras que as crianças precisariam aprender. Essa intencionalidade estava subjacente aos processos de formação, na orientação para elaboração dos planos diários de trabalho, na tematização das práticas vividas e na valorização da troca crítica de experiências. Brincar é algo muito sério na educação infantil e a consciência dessa premissa nos mobilizou a inserir a brincadeira como uma prática frequente, desafiando as crianças a organizar, individual ou coletivamente, novas formas de brincar.

Sendo assim, foi possível identificar nos TPs, desenvolvidos a partir do curso, um papel complementar ao processo de formação vivido na escola, pois não se caracterizaram como mera aplicação de receita, se assim fosse, o professor seria apenas o reproduzidor de atividades elaboradas fora do contexto de sua atuação. Pelo contrário, o professor foi desafiado a propor o brincar e o jogar como práticas sociais que organizam formas de relação com o outro e apresentam à criança novos elementos da cultura. As ideias consubstanciadas nos TPs encontraram eco na prática pretendida, essa, por sua vez, nutriu-se das muitas leituras e discussões, da experiência da formadora externa e daquela que cada professor participante, na escola e fora dela, pôde socializar, estabelecendo, neste caso, uma rede de formação.



Nem sempre os processos de mudança são confortáveis. O incomodo<sup>4</sup> provocado por essa formação pode significar uma rachadura na armadura de nossas certezas, de nossos hábitos pedagógicos. Esse é o momento, no qual a prática pretendida ganha um novo sentido, porque vem impregnada de novas questões, algumas individuais e outras coletivas.

O curso e o processo de formação na escola, ambos vivenciados pelos professores, somaram esforços para valorizar o docente como protagonista de sua ação, pois é ele quem planeja, executa, avalia e replaneja seu fazer, considerando os resultados esperados. O pensar sobre a ação pedagógica reafirma a importância dos conteúdos socialmente valorizados, das diversas metodologias, da cultura da comunidade e pressupõe escolhas, as quais incidem na organização do ensino e, conseqüentemente, no desenvolvimento das crianças, na forma como lidam com regras e estabelecem os vínculos afetivos.

Hoje, vemos como é surpreendente olhar o “velho”, a brincadeira conhecida, sob uma nova perspectiva, validando as ações das crianças, num esforço para interpretar seu modo de agir, seu jeito de aprender e a forma como se apropriam dos bens culturais. Esse olhar sensível, também, é um ganho da formação, do exercício do registro e da reflexão sobre o fazer, que vem resignificando o ensino e a aprendizagem das brincadeiras e dos jogos na Educação Infantil.

Foto: Ana Paula M. C. Nascimento, do CEI CEU Parque São Carlos, da DRE São Miguel



<sup>14</sup> O texto da professora Michelle Alves Nascimento compõe a seção Trabalho Pedagógico, deste caderno, e revela parte desse desconforto e os avanços vividos.

## REPERTÓRIO DE JOGOS

### PARA AMPLIAR AS POSSIBILIDADES DE JOGAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Fernando Brandão<sup>15</sup>*

Constituir um bom acervo de jogos é fundamental na Educação Infantil. Em primeiro lugar porque o jogo é uma herança cultural a que as crianças têm direito. Em si, jogar é interessante e desafiador para as crianças. Mas, além disso, também pode criar bases para um trabalho de ampliação do conhecimento matemático.<sup>16</sup>

No acervo de jogos na sala podemos ter: vários tipos de dominó (de cores, formas, imagens, tradicional), jogo de dama, diferentes jogos de percurso com regras, dados, jogo da velha, ta-te-ti, jogos de construção, ludo, etc. Quando apresentamos jogos para as crianças é importante conhecermos o histórico do jogo, sua origem, suas variantes, as regras através da leitura e jogar muitas vezes com as crianças para que elas possam se apropriar das regras, desenvolver as estratégias e possibilitar que elas expliquem e joguem com outras crianças sem a ajuda do adulto. Veja a seguir uma lista de jogos que podemos adquirir e construir com as crianças para ampliar o repertório de jogos na escola.

- Dominó
- Jogo da velha
- Ta-te-ti
- Damas
- Trilha
- Ludo
- Jogos de percurso com diversos enredos
- Cobras e Escadas
- Jogos diversos de baralho

<sup>15</sup> O formador produziu o texto a partir das experiências do curso: *Percurso de Aprendizagens na Educação Infantil - Jogar e Brincar*, em parceria com Silvana Augusto.

<sup>16</sup> *Conhecimento Matemático não é o assunto deste fascículo, mas, é de um dos cursos oferecidos aos professores do Programa A Rede em rede. Sugerimos que você procure com seus parceiros ou seu coordenador pedagógico mais referências para sistematizar um trabalho nessa direção.*

Para buscar outras dicas, consulte o site [www.caleido.com.br](http://www.caleido.com.br) e também o site [www.jogosantigos.com.br](http://www.jogosantigos.com.br). Nesses sites, você pode encontrar informações sobre a origem e história dos jogos e suas regras.

Um interessante assunto para virar projeto é o Jogo de Percurso. Você pode organizar um projeto que envolva as seguintes etapas de trabalho:

1. Apoiar o grupo na hora de aprender a jogar a partir de um percurso levado pelo professor.
2. Constituir um canto na sala para que as crianças recorram ao percurso quando quiserem jogar, podendo tornar-se mais hábil na contagem dos pontos do dado e dos peões.
3. Pesquisar diferentes tipos de jogos de percurso.
4. Jogar com diferentes tabuleiros para conhecer as diferenças entre os obstáculos e as possíveis estratégias.
5. Problematizar algumas estratégias na hora do jogo e, principalmente, depois, na roda de discussão sobre os jogos.
6. Propor novos tabuleiros com mais obstáculos.
7. Propor jogar com dois dados, favorecendo a construção de operações de soma.
8. Construir em subgrupos projetos de jogos de percurso.
9. Organizar momentos para desenhar, recortar e colar peças e outros desenhos que ilustrem os percursos criados pelos diferentes subgrupos.
10. Organizar momentos em que o professor será escriba de cada sub-grupos, ajudando-os a escrever as regras de seus grupos.
11. Organizar momentos para que cada grupo jogue com o seu próprio tabuleiro.
12. Organizar momentos em que os grupos possam trocar de tabuleiros para aprender novos jogos.

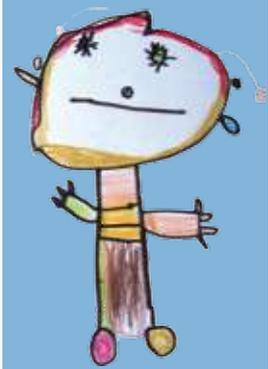
Para incentivá-lo nessa produção, oferecemos a seguir o suporte para a construção do primeiro jogo da turma, com peões simples e um dado. Você pode reproduzir essa base para cada criança ou para cada grupo, criar as regras com as crianças e oferecer caneta hidrocor e outros materiais para que possam decorá-los como quiserem. Bom trabalho!





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, A. et al. (Orgs.), **Pandalelê: Laboratório de brincadeiras**, In Brincar(es). Belo Horizonte: Editora UFMG - Pró-Reitoria de Extensão/ UFMG, 1995. p. 141-152.
- ALLUE, Josep M. **O Grande Livro dos Jogos – 250 jogos do mundo inteiro para todas as idades**. Belo Horizonte: Ed. Leitura, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação**. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- HORTÉLIO, Lidia. **Encarte do CD Abra a Roda, tin do lê lê**. São Paulo: Brincante Produções Artísticas Ltda, 2002.
- BROUGERE, Gilles et al. **O Brincar e Suas Teorias**, São Paulo: Thomson Pioneira, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Brinquedos e Companhia**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1997.
- FILGUEIRAS, Isabel Porto. **A criança e o movimento: questões para pensar a prática pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental**. Revista Avisa Lá, São Paulo, número 11, julho. 2002.
- FRAUENDORF, R. **Brincar com água na educação infantil**. Revista Avisa Lá, São Paulo, número 19, julho. 2004.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- KAMII, Constance. **Jogos em Grupo na Educação Infantil**. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.
- KLISYS, A.; FONSECA, E. **Brincar e ler para viver**. São Paulo: Instituto Hedging – Griffó, 2008.
- LIMA, Elvira C Azevedo Souza. **A utilização do jogo na pré-escola**. Série Idéias, n. 10. São Paulo: FDE, 1992. p. 24-29.
- MACEDO, Lino. **Os Jogos e sua Importância na Escola**. São Paulo: USP/ Instituto de Psicologia / Lab de Psicopedagogia, 1993.
- MACEDO, Lino. **Quatro Cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- OLIVEIRA, Z. de M. R. de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. et al. **Creches: crianças, faz-de-conta & cia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- \_\_\_\_\_. et al. **Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 547-571, set./dez. 2006.
- \_\_\_\_\_. **Jogos de papéis – um olhar para a brincadeira**. São Paulo: Cortez. 2011.
- \_\_\_\_\_. (Org.); CRUZ, M. N. da; SMOLKA, A. L. B. **Gestos, palavras,**



- objetos: uma análise de possíveis configurações na dinâmica interativa.** A criança e seu desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 1995, p. 67-83.
- \_\_\_\_\_. L. S. Vygotsky: **Algumas idéias sobre o desenvolvimento e o jogo infantil.** Série Idéias, n. 2. São Paulo: FDE, 1994. p. 43-46.
- PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Primeira edição 1964).
- \_\_\_\_\_. **A Representação do Mundo na Criança.** Rio de Janeiro: Ed. Record. (Primeira edição, 1926).
- \_\_\_\_\_. **O Juízo Moral na Criança.** São Paulo: Summus Editora, 1994.
- QUEIROZ, Norma Lucia Neris; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Vygotsky, **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista.** Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para a Educação Infantil.** São Paulo: SME/DOT, 2007. Disponível em: [http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EdInfantil/OrientaCurriculares\\_ExpectativasAprendizagens\\_%20OrientaDidaticas.pdf](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EdInfantil/OrientaCurriculares_ExpectativasAprendizagens_%20OrientaDidaticas.pdf)
- SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **A Rede em rede: a formação continuada na educação infantil-fase 1.** São Paulo - SME/DOT, 2007. Disponível em: [http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EdInfantil/RedeEmRede\\_FormacaoContinuada\\_EdInfantil\\_Fase1%201.pdf](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/EdInfantil/RedeEmRede_FormacaoContinuada_EdInfantil_Fase1%201.pdf)
- SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação – Programa ADI Magistério - **Caderno OPE – Módulo 1**, 2003.
- SCARPA Ester Miriam. **O jogo, a construção e o erro: considerações sobre o desenvolvimento da linguagem na criança pré-escolar.** Série Idéias, n. 10. São Paulo: FDE, 1992. p. 54-64.
- SOUZA, S. J. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** Campinas: Papirus, 1996.
- WAJSKOP, G. **Brincar na pré- escola.** São Paulo: Cortez, 1995.
- YVYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Imaginación y creación en la edad infantil.** 2. ed. La Habana: Pueblo y Educación, 1999.
- \_\_\_\_\_. **La imaginación y el arte en la infancia: ensayo psicológico.** Madrid: Akal, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O homem primitivo e seu comportamento, estudos sobre a história do desenvolvimento: símios, homem primitivo e criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. cap. 3, p. 151-238.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

## ALGUMAS DICAS DE LEITURA

A brincadeira e a cultura infantil. A autora, Tizuko Kishimoto, trata da importância de contos, lendas, brinquedos e brincadeiras na formação de indivíduos criativos, críticos e aptos a tomar decisões.

<http://www.labrimp.fe.usp.br/index.php?action=artigo&id=1>

A importância de brincar. A educadora Adriana Friedmann fala sobre a importância das atividades lúdicas e das brincadeiras dentro da escola como formas de expressão das crianças.

<http://www.formaremrede.org.br/biblioteca/0012.pdf>

Baralho, dados e educação. Neste artigo, Kátia Stocco Smole defende a realização de atividades lúdicas para desenvolver o raciocínio dos alunos. Para ela, os jogos têm de ser planejados, precisam ser utilizados várias vezes e, principalmente, não podem deixar de ser divertidos. A educadora também dá dicas de jogos que podem ser trabalhados em aulas de Ensino Infantil e Fundamental.

<http://mirtes-pilger.blogspot.com/2011/02/artigo-baralhos-dados-e-educacao.html>

Brincadeiras tradicionais: introdução, histórico e métodos. Apresenta brincadeiras coletadas na década 80, que fazem parte de uma pesquisa sobre as atividades exercidas pelas crianças da região de Belém do Pará.

<http://www.cpgp.ufpa.br/gibi/bt.htm#topo>

Escolarização e brincadeira na educação infantil. Neste artigo, Tizuko Kishimoto apresenta vários estudos realizados ao longo da história da educação, abordando a importância do ato de brincar para a criança.

[http://www.labrinjo.ufc.br/phocadownload/artigo\\_005.pdf](http://www.labrinjo.ufc.br/phocadownload/artigo_005.pdf)

Jogos e brincadeiras. Educadoras da rede de Santo André





comentam iniciativas que valorizam o ato de brincar no cotidiano dos alunos.

<http://www.dgabc.com.br/setecidades/descola/03se10.pdf>

Jogos infantis: brinquedos do folclore brasileiro. Elenca jogos tradicionais, como bola de gude, queimada, cabra cega e outros. Também procura relacionar as contribuições das três etnias - portugueses, africanos e indígena nas brincadeiras e jogos infantis no Brasil.

<http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/jogos.html>

Jogos e brincadeiras infantis. Apresenta várias brincadeiras infantis que podem ser aproveitadas como recurso pedagógico.

<http://www.temnac.hpg.ig.com.br/apoio/brincadeiras.htm>

Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos. Apresenta um inventário de jogos e brincadeiras tradicionais do acervo bibliográfico do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos - LABRIMP, da USP. Elenca jogos de bola, de locomoção, contos e fábulas, cantigas, jogos verbais, jogos de observação, brincadeiras com partes do corpo, jogos para tirar a sorte, etc.

<http://www.labrimp.fe.usp.br/>

Rede de brincadeiras regionais do Brasil. Apresenta uma série de curiosidades que dizem respeito à origem de alguns jogos e brincadeiras nas diferentes regiões do país. Disponibiliza para download arquivo com o desenvolvimento de várias brincadeiras por região.

<http://www.escolaoficialudica.com.br/brincadeiras/index.htm>

## AS BOLAS DE SABÃO

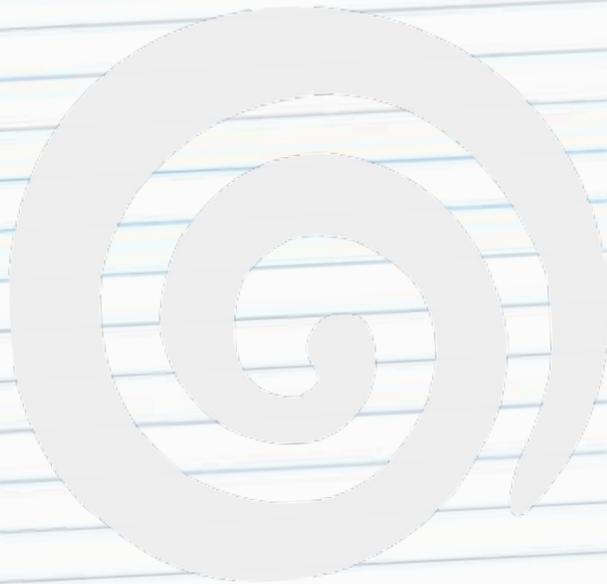
As bolas de sabão que esta criança  
Se entretém a largar de uma palhinha  
São translucidamente uma filosofia toda.  
Claras, inúteis e passageiras como a Natureza,  
Amigas dos olhos como as cousas,  
São aquilo que são  
Com uma precisão redondinha e aérea,  
E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa,  
Pretende que elas são mais do que parecem ser.

Algumas mal se vêem no ar lúcido.  
São como a brisa que passa e mal toca nas flores  
E que só sabemos que passa  
Porque qualquer coisa se aligeira em nós  
E aceita tudo mais nitidamente.

**Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)**  
**O guardador de Rebanhos.**

PALAVRA FINAL

# BLOCO DE ANOTAÇÕES



## DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA

### DIRETORA

**Regina Célia Lico Suzuki**

DIRETORA DOT EDUCAÇÃO INFANTIL

**Yara Maria Mattioli**

EQUIPE TÉCNICO PEDAGÓGICA

**Fernanda Silva Noronha**

**Gislaine dos Santos Koenig**

**Maria Heloisa Sayago França**

**Marilda Aparecida Bellintani Jamelli**

**Matilde Conceição Lescano Scandola**

**Patrícia Maria Takada**

**Raquel de Campos Felizolla**

EQUIPE TÉCNICO ADMINISTRATIVA

**Edna Ribeiro da Silva**

**Sylvete Medeiros Correa**

**Vitor Hélio Breviglieri**

**Gilcenalba Virgínio dos Santos** (*Estagiária*)

DIRETORES REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

**Eliane Seraphim Abrantes**

**Elizabeth Oliveira Dias**

**Hatsue Ito**

**Isaias Pereira de Souza**

**José Waldir Gregio**

**Leila Barbosa Oliva**

**Leila Portella Ferreira**

**Maria Angela Gianetti**

**Maria Antonieta Carneiro**

**Marcello Rinaldi**

**Silvana Ribeiro de Faria**

**Sueli Chaves Eguchi**

**Waldecir Navarrete Pelissoni**

ASSESSORES

**Zilma de Moraes Ramos de Oliveira**

**Ieda Abbud**

**Maria Paula Vignola Zurawski**

**Silvana de Oliveira Augusto**

### FORMADORES DE PROFESSORES

**Alessandra Ancona de Faria**

**Andrea Fraga da Silva**

**Carlos Alberto Silva**

**Cinthia Soares Manzano**

**Fernando Brandão Correia Filho**

**Francisco Igliori Gonsales**

**Isabel Maria Meireles de Azevedo Marques**

**Joseane Aparecida Bonfim de Barros**

**Liliana Maria Bertolini**

**Marcos Marcelo Soler**

**Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira**

**Sheila Christina Ortega**

**Stela Maris Fazio Battaglia**

**Sueli Vital e Silva**

**Virginia Arêas Peixoto**

COORDENAÇÃO GERAL

**Yara Maria Mattioli**

**Zilma de Moraes Ramos de Oliveira**

ORGANIZADORA DA PUBLICAÇÃO

**Silvana de Oliveira Augusto**

GRÁFICA

Coordenação do Centro de Múltiplos

**Magaly Ivanov**

Projeto Gráfico e capa:

**Joseane Ferreira**

Diagramação:

**Jennifer Abadia Oliveira Barbosa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.

Percursos de aprendizagens : Jogar e brincar - A Rede em rede : a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2011.

52p. : il.

Bibliografia

1. Educação Infantil I. Cadernos da Rede - Formação de Professores

CDD 372.21

Código da Memória Técnica: SME33/2011

